



UMA HISTÓRIA DE AMOR:

trajetória histórica da indústria de construção pesada no Brasil¹

*Jefferson Fernandes de Souza**

RESUMO: Em 17 de março de 2014 iniciava, no Paraná, a maior investigação sobre crimes de corrupção no Brasil: *Operação Lava Jato*. Desde sua criação, 1.434 procedimentos já foram instaurados com 95 prisões preventivas, 104 temporárias, 6 prisões em flagrante e 141 condenações.² Tal operação representa um marco na história do país pois a mesma trouxe à tona vários esquemas de corrupção envolvendo políticos, empresas públicas e privadas e, principalmente, empreiteiras. Muitos desses escândalos remontam a acordos tomados no século passado. Com esse artigo busco estabelecer uma conexão histórica que explique o surgimento das empreiteiras no país e como elas encontraram um campo fértil para praticar corrupção na segunda metade do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Empreiteiras no Brasil; Golpe civil-militar de 1964; Indústria de construção pesada no Brasil.

ABSTRACT: On March 17th of 2014, in Paraná, the largest investigation on corruption crimes in Brazil began: *Operação Lava Jato*. Since its creation, 1.434 procedures have been installed with 95 preventive detentions, 104 temporary detentions, 6 _in flagrante delicto_ detention and 141 convictions. The operation represents a milestone in the history of the country as it made public several corruption schemes involving

1. Trabalho solicitado pelo prof. Dr. César Augusto como forma de obtenção de nota final para a disciplina de História do Brasil IV;

* Aluno graduando em Licenciatura em História, no 7º período. Email ferjef@live.com;

2. Disponível em: <[http://arte.folha.uol.com.br/poder/operacao-lava-jato/...](http://arte.folha.uol.com.br/poder/operacao-lava-jato/)> Acessado em: 25 de junho de 2018.



politicians, public and private enterprises and, mainly, contractors. Many of these scandals go back to deals made in the past century. Within this article, a historical connection will be established explaining the rise of contractors in the country and how they found a favorable environment to practice corruption at the second half of the 20th century.

KEYWORDS: Contractors in Brazil; 1964's Civil-Military Coup d'État; Heavy Engineering Construction Industry.

INTRODUÇÃO

Em "*Os empreiteiros de obras públicas e o Golpe de 1964*" Pedro Henrique Pedreira Campos busca explorar a participação das empreiteiras na concretização do golpe civil-militar brasileiro de 1964 expondo questões como a relação desse grupo com o governo de Juscelino Kubitschek, o crescimento rápido de empreiteiras paulistanas, cariocas e mineiras favorecidas por tal governo até chegarmos a participação das mesmas no golpe. Levando em consideração que o autor havia me deixado com uma dúvida em relação ao motivo que levou tal classe apoiar os militares, a ideia inicial deste artigo era encontrar a resposta para esta pergunta. Porém, após uma breve pesquisa, percebi que o motivo estava bem evidente e não tinha muito o que se discutir. Mas outra situação chamou bastante atenção quando estava pesquisando a resposta para o meu questionamento inicial. Deparei-me com a seguinte matéria noticiada no UOL e escrita pelo jornalista Carlos Madeiro: "*Casamento de empreiteiras com o poder começou com JK e teve lua de mel na ditadura*". Considerei curiosa essa chamada e, através das leituras, pude perceber que, de fato, podemos comparar a relação das empreiteiras junto ao governo com estágios de uma relação amorosa. Num primeiro momento pode parecer "tosca" tal análise, mas ela se mostra bem interessante quando o foco é a melhor compreensão sobre o conteúdo.

Para fazer esta análise utilizaremos tanto o artigo "*Os empreiteiros de obras públicas e o Golpe de 1964*" quanto a tese de doutorado de Pedro Campos "*A Ditadura*"



dos Empreiteiros: as empresas nacionais de construção pesada, suas formas associativas e o Estado ditatorial brasileiro, 1964-1985" defendida em 2012 pela Universidade Federal Fluminense. Aliás, essa tese serviu de base para o autor escrever o livro *"Estranhas Catedrais - As Empreiteiras Brasileiras e a Ditadura Civil-Militar"*, publicado pela editora da mesma universidade.

O presente artigo encontra-se dividido em cinco subtópicos onde cada um representa um estágio de uma relação amorosa em progresso. Com destaque para os três primeiros períodos que levam em consideração a própria divisão estabelecida por Pedro Campos na sua tese.³

"O lance" no Império que perdurou até a República Velha

De acordo com Pedro Campos, a indústria da construção pesada surgiu após a Revolução Industrial britânica e que as obras desta indústria estavam atreladas à lógica do lucro e redução do tempo de transportes das mercadorias e força de trabalho, mas que tal lógica mudou no século XX com a grande depressão de 30. Campos alega que havia um grande contingente de desempregados nas *economias centrais*⁴ e que tais estados inauguraram políticas públicas visando criar novos empregos. Com isso,

"a indústria de construção - e a construção pesada em particular -, ganhou nova função, tornando-se instrumento das políticas de obtenção de pleno emprego. Realizando obras que muitas vezes não tinham uma finalidade prática direta e lógica lucrativa imediata, as empresas do setor passaram a ter um nível de atividade superior ao anteriormente verificado e foram catapultados em seu poder econômico e também político." (CAMPOS, 2012, pp.38)

Como podemos perceber nesta colocação, inicialmente a indústria de constru-

3. CAMPOS, Pedro. *A Ditadura dos Empreiteiros: as empresas nacionais de construção pesada, suas formas associativas e o Estado ditatorial brasileiro, 1964-1985*. pp.69

4. Estados Unidos, Alemanha e Grã-Bretanha.



ção pesada apresentou duas características bem distantes entre si e que ambas se mostram como uma resposta ao momento político e econômico do período. Porém, a escolha por partir exatamente deste ponto fora apenas uma forma de estabelecer uma comparação entre o uso de tal indústria no exterior para com o uso que a foi dada, inicialmente, no Brasil. O país começou sua relação com a indústria de construção pesada bem diferente das grandes potências econômicas exteriores. A começar, as primeiras obras que marcam a atuação do ramo, no país, dizem respeito a empresas estrangeiras. Digamos que o Brasil começou sua vida amorosa com tal indústria sendo um amante. Enquanto as economias centrais tinham suas próprias empresas, o Brasil não apresentava a mesma vantagem.

Além dessa marcante participação estrangeira, Pedro Campos alega que tais obras não visavam acelerar o tempo de rotação do capital industrial local, *mas reproduzir a acumulação escravista e colonial ali dominante*. (2012, pp.39)

Ainda nesta linha de pensamento, ele afirma que

"a indústria de construção pesada, no país, coincide aproximadamente com o começo da segunda metade do século XIX, momento em que a sociedade brasileira principiava a transição do escravismo ao capitalismo." (2012, pp.40)

Enquanto o Brasil vivia uma relação de amante de empresas estrangeiras, essas mesmas indústrias foram as responsáveis pela formação dos primeiros engenheiros do país. O autor cita a *Escola Central*⁵, de 1874, que fora a responsável pela formação da primeira geração de engenheiros brasileiros. Nomes como Pereira Passos, Conrado Niemeyer e Vieira Souto são citados como exemplos da primeira formação e estes foram responsáveis pela criação do *Clube de Engenharia*, em 1880. (2012, pp.41)

No final do século XIX e início do XX várias cidades do país apresentaram um crescimento acelerado relacionado ao processo de industrialização. Atrelado a esse fato,

5. A Escola Central era responsável pela formação integral de oficiais do exército.



os centros urbanos assistem crescer atividades da construção imobiliária e das obras de serviços públicos e infraestrutura. Pedro Campos evidencia a participação de alguns membros do *Clube de Engenharia* em algumas obras como, por exemplo, na construção da nova capital de Minas. Porém, é evidente que neste primeiro modelo da indústria de construção pesada no Brasil – que vigorou de 1850 a 1930 – as obras empreendidas deixam explícitas o caráter dependente da economia do país.

"O Namoro" na Era Vargas

Neste período podemos dizer que o Estado cansou de ser amante e resolveu dar um tempo para si. Trabalhar, tirar da gaveta o bloquinho de notas que continha as "*Coisas para fazer antes de casar*" e se conhecer melhor para, somente depois, conhecer alguém. Tudo isso porque foi justamente neste período que o país modificou suas políticas e montou várias agências estatais que vieram substituir, parcialmente, empresas estrangeiras. Neste momento podemos visualizar um estado mais atuante no que tange a obras de infraestrutura e, quando essa fase acaba, notar o surgimento de empresas nacionais no Brasil. Logo, ele deixou de lado o amante, arrumou a casa por um momento, depois voltou seus olhos para um parceiro mais acessível e, até então, solteiro.

Pedro Campos alega que o ano de 1930 fora um marco nessa relação, levando em consideração que uma medida institucional fora tomada. Ela legalizou e regulamentou a profissão do engenheiro. Esse fato possibilitou a criação dos *Conselhos Regionais de Engenharia e Arquitetura* (CREAs) e o *Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura* (Confea). Inclusive, o autor evidencia que esta nova situação da profissão, no país, é um reflexo da crise de 1929 em que o mesmo sofreu consequências duras e teve que se reerguer deslocando-se do seu antigo centro dinâmico. (2012, pp.46) Aparentemente o Brasil se tocou que a vida de amante não estava sendo saudável e percebeu que precisava pensar mais em si.

Os setores siderúrgicos e metalúrgicos nacionais tiveram um grande avanço após o golpe de 30. Com destaque para a criação da *Comissão Siderúrgica Nacional* que



levou à implantação da usina de Volta Redonda pela *Companhia Siderúrgica Nacional*. Durante esse período também teremos a implantação de políticas de financiamento de unidades habitacionais. Tais políticas além de criarem um nicho de atuação para empresas de engenharia locais, serão alvo de disputas presidenciais como Campos evidencia em sua tese:

"Na campanha presidencial de 1950, as equipes de Dutra e de Vargas travaram uma batalha de números sobre o financiamento habitacional. A equipe do presidente Dutra acusava o governo Vargas de ter construído apenas 12.305 'casas populares' pelos institutos e 5.019 pelas CAPs em 15 anos, enquanto seu governo teria sido responsável por 41.313 unidades pelas IAPs e 6.225 pelas caixas em quatro anos." (2012)⁶

Além de trazer à tona um jogo político, tal situação também nos remete ao fato de que o governo estava movimentando o mercado imobiliário – que também pertence ao ramo da indústria de construção pesada –. De acordo com Pedro Campos, entre 1932 e 1966, pelo menos 115 mil unidades habitacionais foram construídas pelo país financiadas por verbas advindas dos fundos previdenciários. (2012, pp.49)

Porém, um dos principais investimentos estatais ocorridos durante o governo Vargas, sem sombras de dúvida, fora a criação da *Petrobrás*. Toda atividade de refino até meados de 30, no país, era operacionalizada por empresas estrangeiras. Após tal década, algumas empresas chegaram a participar da atividade, mas não exerciam uma presença tão significativa. A situação muda quando o governo decide aprovar a *lei 2004*, em 1953, criando uma empresa totalmente estatal. Inclusive, ignorando a pressão de grupos estrangeiros que já atuavam no território nacional. Essa situação simboliza um marco, levando em consideração que trazia uma oportunidade para o capital nacional da construção pesada e da montagem industrial se desenvolverem. (2012, pp.55)

6. CAMPOS, Pedro. *A Ditadura dos Empreiteiros: as empresas nacionais de construção pesada, suas formas associativas e o Estado ditatorial brasileiro, 1964-1985*. pp.48



As empresas nacionais, agora, tinham um incentivo para obter contratos e aprender com novas obras e tecnologias. O pedido de namoro fora feito e aceito. Nessa fase inicial da relação, temos as rodovias como um marco na atuação das empreiteiras brasileiras. Verificamos nesse período a implantação de estradas de rodagem – que fora a atividade mais comum entre as indústrias de construção pesada brasileira –, que envolveu pequenas empresas. Estas realizavam trechos simples e agiam como sub empreiteiras, de acordo com Campos. (2012, pp.55) Aliás, o mesmo alega que o setor ganhou um fôlego maior durante a Segunda Guerra Mundial quando a marinha brasileira sofreu ataques e enfrentou dificuldades na realização de importações e exportações. Com isso, o país se viu na necessidade de integrar os principais centros econômicos e urbanos do território nacional.

"O Noivado" no governo de Juscelino Kubitschek

Ao governo de Juscelino Kubitschek atribui Pedro Campos o momento mais importante para o avanço das atividades dos empresários da construção pesada. Afinal, *com as obras previstas no Plano de Metas e com a construção da nova capital federal, os empreiteiros viram as demandas às suas atividades serem elevadas de forma inédita até então na trajetória do desenvolvimento do capitalismo no Brasil.* (CAMPOS, 2015, pp.6) Ou seja, temos aqui um divisor de águas: se antes o mercado era dominado pelas amantes estrangeiras, agora o país abria espaço, finalmente, para as nacionais dominarem. Tal relação estava mudando de patamar e ficando mais forte e promissora. Aparentemente, o Brasil almejava um noivado.

De acordo com o próprio presidente Juscelino Kubitschek e seus assessores, o *Plano de Metas* fora um sucesso levando em consideração que, ao final do mandato, vários objetivos foram alcançados ou, até mesmo, superados. Durante este período o Brasil apresentou um aumento significativo na produção e refino do petróleo, na produção de aço e da indústria. Esta, inclusive, tinha um índice de 100 instalações industriais em 1955 e passou para 197 em 1959. Pedro Campos atribui tal fato a chegada maciça de multinacionais no país. Mas não podemos deixar de lado a produção



de energia e o aumento na malha rodoviária. Inclusive, JK coloca essas duas como prioridade. Juntas formavam o diamante e a esmeralda do anel de noivado.⁷

O *Plano de Metas* priorizou a construção de estradas de rodagem tendo como meta 10.000 km, mas terminando o projeto com um trecho de 12.169 km construídos. Vários planos de recuperação de rodovias também foram postos em prática e superados. Interessante é que, aliado a este evento, surge uma política para a instalação de montadoras automobilísticas no país. Estas são incentivadas com políticas cambiais e fiscais, além de condições específicas previstas pelo *Grupo Executivo da Indústria Automobilística*. Montadoras de vários países como Alemanha, França, Japão e Estados Unidos estabeleceram fábricas em território brasileiro neste período.

Não podemos esquecer o favorecimento aos empreiteiros nacionais que irá se intensificar neste período. Grupos como o *DNER (Departamento Nacional de Estradas de Rodagem)* e o *MVOP (Ministério de Viação e Obras Públicas)* foram deslocados para o centro da política governamental. O primeiro adquiriu, rapidamente, "*status de virtualmente ministerial*". O segundo manteve seu status de ministério, mas fora controlado pelo *PSD* que vivia muito voltado para programas de obras públicas e favorecia os empreiteiros ligados à sua cúpula. (CAMPOS, 2012, pp.66-67)

Pedro Campos alega, inclusive, que a *DNER* se utilizou de critérios não-licitatórios para a escolha de empreiteiras. Para se defender, a mesma disse que havia um volume grandioso de obras e que havia pouca concorrência. Entende-se, assim, que não era necessária uma seleção já que havia trabalho para todos e ainda corria o risco de sobrar.

Mas vamos focar no que realmente importa que é o pedido de noivado que fora feito e aceito durante a construção de Brasília.

Podemos ver no governo de Juscelino Kubitschek os empresários mais próximos do poder e nesta relação, entre governo e empresários, um completa o outro.

7. CAMPOS, Pedro. A Ditadura dos Empreiteiros: as empresas nacionais de construção pesada, suas formas associativas e o Estado ditatorial brasileiro, 1964-1985. pp.65



O primeiro oferece os privilégios, o outro oferece seus serviços. E esses serviços foram muito bem utilizados. A cidade de Brasília que o diga. Afinal, como Pedro Campos nos informa, a construção da nova capital federal reuniu empresas de vários lugares do país. Enquanto umas cuidavam da malha viária, outras ficaram responsáveis pelos prédios públicos, dos edifícios do plano piloto, da rede de distribuição de energia elétrica e outras obras auxiliares como a construção da barragem do Paranoá. (2012, pp.65) Tal evento possibilitou duas situações: essas empresas trabalharem em lugares diferentes de suas regiões de origem; os empresários estabelecerem relações entre si. Não esqueçamos que nas rodovias ocorria questão semelhante. Afinal, várias empresas atuantes nesse seguimento também estavam trabalhando em ambientes fora de seus estados de origem.

Pedro Campos alega, inclusive, que datam desse período as primeiras associações nacionais de empresários do setor. Antes as organizações se restringiam a dimensão regional ou local. (2015, pp.7)

Inclusive, o autor nos apresenta o *Sinicon (Sindicato Nacional da Construção Pesada)* como a mais importante organização da categoria fundada durante este período.

De acordo com o mesmo:

"[...] o Sinicon já nasceu como uma associação específica dos empreiteiros de obras públicas [...] dispunha de forte atuação e poder junto ao aparelho de Estado, além de canais próprios de comunicação [...] Mesmo com a diversidade de empresários em seu interior, o sindicato apresentou uma marcante capacidade de adaptação a diferentes contextos [...]" (2015, pp.7)

Neste trecho podemos perceber o quão organizados e influentes tornam-se os empreiteiros ao se reunirem em um sindicato a nível nacional, mas o que mais nos surpreende é a adaptabilidade que o mesmo tem ao momento político do país como fica evidente neste comentário de Pedro Campos:



"A primeira diretoria do Sinicon, ainda sob a condição de associação, foi exercida por um empresário estreitamente ligado ao governo Kubitschek. Existem relatos de que João Alfredo Castilho ofereceu de presente uma casa no Paraguai a JK, após ter realizado diversas obras federais no seu governo (PRADO, 1997). Haroldo Poland, próximo de Lacerda e da UDN, foi escolhido presidente do Sinicon no período Jânio Quadros, e Marco Paulo Rabello, ligado a JK e aos políticos do PSD e PTB, liderou a entidade no governo Goulart." (2015, pp.11)

Ou seja, o sindicato escolhe seu presidente de acordo com quem está no poder do governo. Interessante, não? Isso se chama adaptabilidade ao momento em que passa o conjugue. Relações assim vão para a frente. E realmente foram, como ficará evidente mais à frente.

Tanto foram que a cerimônia de casamento foi marcada para o governo de Jânio Quadros e João Goulart.

Sim! Afinal, foi durante este governo que os empresários da indústria de construção pesada fecharam acordos com os militares para derrubar Quadros e alçaram ao poder. Teremos, neste período, como madrinhas deste casamento: o *Ipes (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais)*, a *ESG (Escola Superior de Guerra)*, e o *Ibad (Instituto brasileiro de Ação Democrática)*. Em um casamento também temos os parentes, então citaremos a *Adesg (Associação de Diplomados da ESG)*, a *Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo)*, a *ACRJ (Associação Comercial do Rio de Janeiro)* e não podemos deixar de citar o *Sinicon* como cerimonialista. Também houveram outros grupos que ajudaram este casamento acontecer, mas, sem sombras de dúvida, o *Ipes*— que fora um instituto de cunho empresarial-militar criado em 1961 e tinha como foco desestabilizar e derrubar o governo vigente – foi a principal forma de organização destes empresários para roubarem o poder juntamente com os militares.

Aliás, voltando para a questão que me motivou a escrever este artigo quando terminei de ler "*Os empreiteiros de obras públicas e o Golpe de 1964*": o que fez as empreiteiras apoiarem o golpe se as mesmas já estavam sendo favorecidas pelo governo de JK?



Não tinha passado pela minha cabeça, ainda, que, depois de Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros, juntamente com seu vice João Goulart, assumiu o poder e sofreu forte oposição tanto por militares quanto por civis. Tudo isso por conta da sua forte aproximação com pessoas ligadas ao comunismo. Logo pensei: *a resposta para minha pergunta acaba de ser sanada*. Quando Pedro Campos fala em "*Os empreiteiros de obras públicas e o Golpe de 1964*" sobre o *Sinicon*, temos o seguinte trecho expresso:

"A polarização política vivida no Brasil e no mundo de então atravessava a nova instituição, e o caráter abertamente direitista e anticomunista de alguns de seus associados ficava expresso no texto inaugural da entidade [...]" (2015, pp.9)

Claro que as políticas econômicas de Jânio Quadros, como a *Reforma Cambial* que favoreceu o setor exportador e os credores estrangeiros e a desaceleração nas obras de Brasília motivaram para o descontentamento da classe empresarial para com tal governo, mas não podemos deixar de evidenciar a ideologia do grupo que Campos deixa claro que, em sua maioria, demonstrava um caráter anticomunista. Se Quadros dava a entender que tinha fortes tendências comunistas, era de se esperar que as empreiteiras fossem apoiar o Golpe.

...

No dia 28 de março de 1964, o governador Magalhães Pinto liberou as tropas do general Mourão Filho para marcharem de Juiz de Fora até o Rio de Janeiro e em 31 de março o então presidente João Goulart – que assumiu o poder depois da renúncia de Jânio Quadros – fora deposto e a ditadura civil-militar brasileira tinha seu início. Cerimônia encerrada, casamento assinado.

"A Lua de Mel e os primeiros anos do Casamento" na ditadura civil-militar

Chegamos ao ponto chave para entendermos melhor como as grandes empresas de engenharia alcançaram tamanha notoriedade no cenário econômico nacional, o



dominando e se figurando como donas de um patrimônio líquido de saltar os olhos. De acordo com Pedro Campos, neste período as empresas do setor de construção pesada se ramificaram para outras atividades, transformando-se em conglomerados dotados de tentáculos em diversos setores da economia.

O que fica evidente nos argumentos do autor é a ligação direta entre os donos dessas empresas com lideranças militares como ele exemplifica no trecho a seguir:

"Mesmo com os casos de fracassos de empresas por conta de conflitos políticos, havia também os empresários próximos dos militares e dos novos governantes pós-1964. Jadir Gomes de Souza era um dos controladores da empreiteira Sisal, focada na construção de edifícios urbanos, como o prédio do Rio Othon Palace Hotel. Gomes de Souza, segundo Elio Gaspari, era amigo pessoal e jogava cartas mensalmente com o presidente Arthur da Costa e Silva, além de ter ficado financiado o Ipes antes do golpe. A empresa cresceu na ditadura, mas sempre foi mais voltada para a construção imobiliária, sendo responsável pela amplificação e recuperação de 8 hotéis em Angola no início dos anos 80." (2012, p.84)

Neste trecho podemos evidenciar duas situações: primeiro o foco que Pedro Campos dá ao fato de haver uma ligação de proximidade entre os empresários e os líderes políticos da época; segundo, a presença de uma empresa brasileira realizando serviços fora do país. Este último dado evidencia que se antes éramos amantes de empresas estrangeiras, agora estamos do outro lado da moeda. Nossas empresas/conjugues estão se relacionando com outros estados e estas relações nos trazem benefícios e problemas. Mas o fato é: criamos multinacionais.

De acordo com o autor,

"A ditadura proporcionou um ambiente ideal para as atividades e para os lucros dos empreiteiros brasileiros. Ao longo do regime, a arrecadação de recursos para o fundo público foi ampliada significativamente através das reformas do Paeg (Plano de Ação Econômica do Governo, do período Castello - 1964/1967) e da criação de poupanças compulsórias (FGTS, PIS, Paep etc.) e o orçamento foi direcionado para gastos em investimentos, na forma de obras públicas de engenharia." (2015, pp.5)



Ele segue o trecho falando sobre a retirada de investimentos para a saúde e educação e a destinação desse dinheiro para as obras públicas. Ou seja, havia todo um cenário que favorecia a indústria de construção pesada nacional. E para os que tinham uma relação de amizade direta com os líderes militares, havia um bônus.

Fato é que o período favoreceu para o surgimento de grandes conglomerados econômicos organizados na forma de oligopólio no mercado nacional de obras públicas e dotados de atividades internacionais.⁸

O autor cita algumas empresas que se aproveitaram do período e cresceram rapidamente. Entre elas estão: Odebrecht, Andrade Gutierrez e a Camargo Corrêa.

"O Casamento"

Nos momentos finais da ditadura civil-militar brasileiro veremos uma mudança significativa no sistema de funcionamento das empresas de indústria da construção pesada no país. Iniciada na década de 70 e acentuada na década de 80, o setor sofre uma retração no número de atividades no mercado. A partir deste dado momento há um forte ciclo de centralização de capitais onde várias empresas foram a falência, outras se fundiram e outras fizeram acordos com seus investidores, as chamadas concordatas, para não decretarem falência. No final desse processo teremos um mercado mais oligopolizado onde quatro empresas passam a dominá-lo: Camargo Corrêa, Andrade Gutierrez, Mendes Júnior e Odebrecht. (2012, p.138-139)

De acordo com o autor, as maiores empresas mantiveram seu espaço no mercado, as médias e pequenas empresas tiveram que lutar para se manter. E tudo isso se explica pelo fato de que nas decisões acerca do contingente orçamentário, as grandes obras foram mantidas e as pequenas abandonadas. Nas grandes obras estavam presentes as grandes empresas. Conseqüentemente, era de se espera que estas mantivessem seus lucros. Já as obras abandonadas estavam sendo operacionalizadas por empresas de

8. CAMPOS, Pedro. Os empreiteiros de obras públicas e o Golpe de 1964. pp.5



médio e pequeno porte.⁹

O mais curioso fato dessa trajetória histórica da indústria de construção pesada no Brasil se encontra no pós-ditadura e mais especificamente ligada ao *neoliberalismo*. Após a diminuição do número de obras públicas para se trabalhar, as empreiteiras crescem os olhos para outras áreas de atuação.

Pedro Campos argumenta que a primeira cartada de tais empresas fora investir na elaboração dos materiais usados nas obras ou comércio dos mesmos. Ou seja, as empresas passaram a produzir seus próprios equipamentos. Tudo isso para fugir dos fornecedores que tentavam se beneficiar dos períodos expansivos. Empresas como a Odebrecht, diz o autor, passaram a contar com empresas de beneficiamento e comércio de aço, transporte de cimento, fundações, produção de cal e silício. Tudo para atender a demanda da própria empresa.¹⁰

Outro caso citado pelo autor fica por conta da empresa Camargo Corrêa que, com a CC Indústria, consolidou um dos maiores complexos industriais do país, com produção de calçados (marca havaianas, Rainha e Topper), vestuário (Santista Têxtil) e alumínio. Mas a atuação não se resume na produção, também temos a presença dessas empresas no meio comercial como o caso da Ecisa que construiu um shopping center em Brasília e um supermercado no Rio e passou a explorá-los comercialmente.¹¹

O que podemos concluir após esta breve narrativa sobre a trajetória histórica da indústria de construção pesada no Brasil é que ela se deu de forma conturbada, lenta em alguns momentos, polêmicas em outros, mas conseguiu seu espaço sabendo muito bem atrair seu parceiro, o estudando minuciosamente e se adaptando a suas fases de humor, ao ponto de domá-lo a seu favor. Podemos perceber, hoje, o quanto essa relação traduz

9. CAMPOS, PEDRO. A Ditadura dos Empreiteiros: as empresas nacionais de construção pesada, suas formas associativas e o Estado ditatorial brasileiro, 1964-1985. pp.141)

10. CAMPOS, Pedro. A Ditadura dos Empreiteiros: as empresas nacionais de construção pesada, suas formas associativas e o Estado ditatorial brasileiro, 1964-1985. pp. 147

11. CAMPOS, Pedro. A Ditadura dos Empreiteiros: as empresas nacionais de construção pesada, suas formas associativas e o Estado ditatorial brasileiro, 1964-1985. pp.148



aspectos da nossa história e, ao mesmo tempo, da nossa dinâmica social, política e econômica. Afinal, é possível perceber o quão presente tais empresas estão no cenário nacional e como elas dominam o mercado. Os estudos feitos por Pedro Campos nos ajudam a entender escândalos como os da *Operação Lava Jato* que desde sua criação expõe acordos corruptos entre esses empresários/empresas com o poder e, curiosamente, muitas denúncias trazem à tona acordos tomados na segunda metade do século XX, justamente no período que nosso autor identifica o crescimento acelerado destas firmas. Ou seja, a história provando, novamente, sua utilidade. O fato é, o casamento foi oficializado, amadureceu e hoje passa por uma crise que, até então, não sabemos qual será seu fim. Esperemos apenas que o Brasil não volte a ser amante.

Referencial Teórico

ALMEIDA, Paulo Roberto de. Transformações da ordem econômica mundial, do final do século 19 à Segunda Guerra Mundial. *Rev. Bras. Polít. Int.* 58 (1): 127-141 [2015]

CAMPOS, Pedro. A Ditadura dos Empreiteiros: as empresas nacionais de construção pesada, suas formas associativas e o Estado ditatorial brasileiro, 1964-1985. UFF: Niterói, 2012. pp. 11-122.

CAMPOS, Pedro. As empreiteiras nacionais e a história econômica brasileira nos séculos XX e XXI. UFRJ: Rio de Janeiro, 2015. pp. 1-33.

CAMPOS Pedro. Os empreiteiros de Obras Públicas e o Golpe civil de 1964. *Hist. R.*, Goiânia, v.20, n. 1, pp. 4-22, jan./abr. 2015.

FOLHA DE SÃO PAULO. O que é a operação. In: *Operação Lava Jato*. Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/poder/operacao-lava-jato/...>> Acessado em: 25 de junho de 2018.

MADEIRO, Carlos. Casamento de empreiteiras com poder começou com JK e teve lua de mel na ditadura. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/.../casamento-de-empreiteiras-com...>> Acessado em: 25 de junho de 2018.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO AMAZONAS

Instituto de Filosofia Ciências Humanas e Sociais

Departamento de História

História do Brasil IV

MOREIRA, Heloi José Fernandes. A presença da Escola Central na implantação da engenharia ferroviária brasileira. *Scientiarum Historia* VII .2014 . ISSN 2176-1248.